EccoS Revista Científica
ISSN: 1517-1949
eccos@uninove.br
Universidade Nove de Julho
Brasil

Quatorze Voltas, Fernanda
Reseña de "Marxismo e crítica literária" de Terry Eagleton
EccoS Revista Científica, núm. 29, septiembre-diciembre, 2012, pp. 253-256
Universidade Nove de Julho
São Paulo, Brasil

Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71524734014

Como citar este artigo
Número completo
Mais artigos
Home da revista no Redalyc

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

DOI: 10.5585/EccoS.n29.3758

Marxismo e crítica literária, de Terry Eagleton

Tradução Matheus Corrêa
São Paulo: Editora Unesp, 2011. 150 p.

Fernanda Quatorze Voltas
Mestranda do PPGE – Uninove.
São Paulo, Brasil
fernanda14voltas@hotmail.com

Terry Eagleton é filósofo, crítico literário e professor de literatura na Universidade de Oxford, na Inglaterra. O autor tem o referencial marxista como matriz analítica em muitas de suas obras sobre estudos culturais e crítica literária. Dentre seus livros traduzidos para o português, destacam-se *A tarefa do crítico* (2010), *A ideia de cultura (2005), Marx e a liberdade* (2002) e *Teoria da literatura: uma introdução (1983)*.

A obra em referência é apresentada, despretensiosamente, pelo próprio autor como um "breve estudo", originado de análises introdutórias sobre a crítica literária marxista.

Dada a complexidade do tema e a impossibilidade de se fazer uma análise histórica − de Marx e Engels até a atualidade − o autor escolhe, como método, trabalhar com quatro pontos centrais a essa crítica: literatura e história, forma e conteúdo, o escritor e o engajamento e o autor como produtor. A partir desses grandes temas, Eagleton propõe questionamentos e discute as visões de diferentes autores adeptos da corrente de pensamento marxista. Embora não haja a intenção de aprofundamento dos temas, o autor discorre sobre os mesmos com muita rigorosidade, competência e clareza.

O primeiro capítulo trata, em essência, das relações entre a literatura e a ideologia. Faz uma retomada da teoria marxista, principalmente dos significados dos termos "base" e "superestrutura".

Para o Eagleton, a literatura faz parte da superestrutura social, porém, "[…] não é apenas um reflexo passivo da base econômica." (p. 24), podendo influenciá-la, também, em uma relação dialética:

> […] os elementos da superestrutura reagem constantemente à base econômica e a influenciam. A teoria materialista da História nega que a arte possa, por si só mudar o curso da

> História; mas ela insiste que a arte pode ser um elemento ativo em tal mudança. (p. 25).

O autor finaliza o capítulo analisando as concepções de Louis Althusser, Pierre Macherey e Ernest Fischer sobre ideologia e literatura. Para ele, os dois primeiros autores avançam ao considerarem que " […] a ideologia possui certa coerência estrutural […]" (p. 40), bem como a literatura. Consequentemente, ambas podem ser analisadas do ponto de vista científico como estrutura formal.

No segundo capítulo, merecem destaque as interessantes discussões sobre forma, conteúdo e ideologia, nas quais as visões de diferentes autores, tais como Marx, Georg Lukács, Lucien Goldmann e Pierre Macherey são esboçadas panoramicamente. Eagleton procura desvelar as principais aproximações e divergências teóricas entre tais autores. Há destaque para a concepção de Marx, influenciada pela tradição hegeliana, para a qual a obra literária deve apresentar uma unidade dialética entre forma e conteúdo. Por outro lado, são destacadas concepções não dialéticas de alguns críticos literários, tais como Christopher Caudwell em sua obra *Studies in a Dying Culture* (1938).

Em relação à ideologia na literatura, o autor parece aderir à ideia de Lukács para o qual " […] os verdadeiros condutores da ideologia na arte são as formas da própria obra, não o conteúdo que delas podemos abstrair […]" (p. 50).

O senso comum em torno da crítica literária marxista tem como base a crença de que essa estimula os escritores a produzirem obras engajadas politicamente na causa proletária. Eagleton inicia o terceiro capítulo contextualizando historicamente tal crença que, para o autor, tem sua origem nas políticas que moldaram os eventos literários ocorridos no período estalinista na Rússia, que levaram à ascensão e consolidação do "realismo socialista" como a forma literária "legítima" no período pós-revolução russa. Todo esse movimento, aos olhos do autor, pode ser justificado por uma distorção das posições de Lênin e Marx quanto à produção literária e ao engajamento político do escritor.

Nesse ponto, o autor tenta demonstrar, com muita lucidez, os mecanismos de tais distorções, tanto das ideias estéticas de Lênin, como as de Marx e Engels:

> Marx e Engels não equiparavam, de forma grosseira, a qualidade estética com o politicamente correto, embora as predile-

> ções políticas naturalmente fizessem parte dos juízos de valor de Marx. Ele apreciava escritores realistas, satíricos e radicais, e [...] era hostil ao romantismo, que ele considerava uma mistificação poética da dura realidade política. [...] [Para esses autores] a tendência política deve surgir de maneira discreta [na obra literária] a partir das situações dramatizadas; apenas de forma indireta pode a ficção revolucionária influenciar a consciência burguesa dos leitores. (p. 85-86).

Ainda nesse capítulo, denuncia determinada vertente da crítica marxista, que insiste em avaliar as obras literárias por seu engajamento, ou seja, por sua posição política progressista assumida, a favor da causa trabalhadora. Eagleton explicita sua posição, ao considerar que o valor "progressista" de uma obra não pode ser o critério de classificação da "grande arte" e que a historicidade é uma importante categoria a ser considerada nas discussões sobre a relevância do engajamento de uma obra artística:

> Há períodos e sociedades em que o engajamento político 'progressista' consciente não precisa ser uma condição para produzir a grande arte; há outros períodos – como o facismo, por exemplo — em que sobreviver e produzir como artista implica todo tipo de questionamento, o que provavelmente resultaria em um engajamento explícito. [...] Há fases menos 'extremas' da sociedade burguesa em que a arte se relega a um *status* inferior, tornando-se trivial e sem vigor, porque as ideologias estéreis de onde surgem não lhes oferece qualquer alimento − são incapazes de estabelecer relações significativas ou oferecer discursos adequados. Assim, a necessidade de uma arte explicitamente revolucionária torna-se urgente de novo. Devemos ponderar se vivemos ou não em uma época como essa. (p. 105-106).

O último capítulo pode ser considerado um ponto alto do livro. Nele, o autor chama a atenção para um fator essencial, muitas vezes desconsiderado até mesmo por críticos marxistas em suas análises literárias: tanto a arte quanto os artistas tornam-se mercadoria na sociedade capitalista. Nessa perspectiva, ambos integram a base econômica da sociedade. Para o autor, a mercantilização da arte é um fator crítico e essencial a ser

considerado pela crítica marxista, pois acaba por determinar "[…] a natureza da própria arte […]" (p. 109).

Diante dessas constatações, o autor passa a analisar críticos marxistas que encaram a arte na perspectiva de prática social, ou seja, como "uma forma de produção social e econômica" (ib.). Dentre esses, há um destaque para Bertold Brecht e Walter Benjamin.

A originalidade da obra de Benjamin é destacada na medida em que defende o "artista revolucionário" como aquele impulsionador da transformação das relações produtivas da arte. Estas provocariam consequentes modificações das relações sociais entre artistas e público:

> [Para Benjamin] O engajamento não se limita à apresentação de opiniões políticas corretas pela arte; ele se revela no grau em que o artista reconstrói as formas artísticas à sua disposição, transformando autores, leitores e espectadores em colaboradores. (p. 112).

O autor destaca ainda as contribuições práticas de Brecht que experimentou por meio do "teatro épico" a proposta artística revolucionária apontada por Benjamin.

O livro traz grandes contribuições, pois propicia uma leitura crítica da teoria marxista e suas relações com a literatura. É importante salientar, porém, que a obra não se restringe apenas aos interessados em literatura, sendo indicada para o público em geral interessado em arte. Encontrarão excelentes subsídios aqueles que buscam por referenciais críticos nas discussões dos aspectos formais da obra de arte, suas relações com a ideologia e com os processos de mercantilização no mundo capitalista contemporâneo.

Referências

CAUDWELL. Christopher. *Studies in a Dying Culture*. London: Bodley Head, 1938.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

_____. *A tarefa do crítico*. Tradução Matheus Corrêa. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

_____. *Marx e a liberdade*. Tradução Marcos B. de Oliveira. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

_____. *Teoria da literatura:* uma introdução. Tradução Waltensir Dutra. São Paulo: Editora Unesp, 1983.